



**LEMOS, M. *Belo Horizonte boulevards*.
Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.**

Paulo Moreira

Universidade de Oklahoma (OU), Oklahoma / Estados Unidos da América

paulodaluzmoreira01@gmail.com

Masé Lemos, poeta há muito tempo radicada no Rio de Janeiro, onde é professora de literatura da Escola de Letras da Unirio, explora as suas raízes mineiras em *Belo Horizonte boulevards*. O brevíssimo livro em formato de bolso bem enxuto e de tiragem pequena (80 exemplares até o momento) saiu em 2018 pela editora carioca 7 Letras como parte da série “Megamini” e é uma boa oportunidade para conhecer o trabalho da autora de *Redor* (7 Letras, 2007), *Rebotalho* (Cozinha Experimental, 2015) e *No circuito das linhas* (Oficina Raquel, 2016).

Belo Horizonte boulevards é poesia memorialística de excelência, com detalhes nomeados como “observações de tempos / íntimos” (LEMOS, 2018, p. 8) e marcada pelo equilíbrio entre uma dicção límpida e direta e um ponto de vista ao mesmo tempo afetivo e rigoroso. O sentido de conjunto do livro se dá na coesão sutil que costura todos os poemas curtos, onde as memórias da família, da infância e da cidade vão construindo um mundo luminoso e ao mesmo tempo cheio de mistérios, onde silêncios pontuam sugestões dos medos e ameaças que marcam de sombras a infância. Esse mundo literário, tão impregnado de significado e sensibilidade, constitui-se com tão pouco espaço (meras 21 páginas) porque os poemas estabelecem entre si uma unidade de tempo e espaço. Creio que seja uma boa estratégia crítica fazer aqui uma breve e incompleta recapitulação dos elementos centrais desse mundo literário, para que se tenha, assim, uma ideia mais clara da força do conjunto.

A Belo Horizonte do livro carrega aquela estranha combinação de simetria planejada e relevo acidentado que os moradores da cidade,

de fato, conhecem muito bem. As ruas traçadas em esquadro oferecem ondulações que dão à criança um “[...] frio / na barriga” (LEMOS, 2018, p. 19) que se apresenta enigmáticamente como “consolo”. Pouco a pouco os poemas vão tecendo uma rede discreta de endereços e referências concretas da cidade. Essa rede passa ao largo dos cartões postais mais conhecidos de Belo Horizonte e desvela uma voz poética que possui um conhecimento íntimo da capital mineira. Não há intenção de criar algum tipo de síntese da cidade, mas apenas de reconhecer *uma* Belo Horizonte pessoal, tão Belo Horizonte como várias outras possíveis.

Esse cenário urbano despreziosamente preciso vai sendo construído no texto sem qualquer traço de apelação às pirotecnias imagéticas tão comuns nesses tempos em que “porradas” e “socos no estômago” são cultuadas como elogios, como se estridência fosse sinal de inteligência crítica. Em vez desse “tremendismo” barato que é o lugar-comum dos nossos tempos, Masé Lemos nos oferece imagens sempre exatas sensorialmente e, por isso mesmo, tão vivas. No campo sonoro, por exemplo, as sirenes do corpo de bombeiros próximo à casa da família fazem uma “serenata” acompanhada por gritos da menina/protagonista, uma menina que vive intensamente um mundo difusamente ameaçador, onde o tempo da casa se marca no susto provocado pela força das batidas do “relógio preto na parede” (LEMOS, 2018, p. 10). “Eram horas muito cheias de si” termina o poema. Em contraste, ainda no campo das imagens sonoras, um dos poemas evoca as longas horas de silêncio inquietante da bisavó materna, interpretadas sugestivamente pelo eu poético como a forma encontrada pela velha senhora para garantir que assim nunca ouviria o que não quisesse.

A família de personagens que habita esse mundo tão vivo em sensações se desenha em retratos bem breves, mas surpreendentemente nítidos. Além da bisavó lacônica, a protagonista/poeta nos revela, por exemplo, uma intrigante mãe “confiante na injustiça” (LEMOS, 2018, p. 12). Em contraste com essas duas figuras femininas, a voz poética nos apresenta um pai que “acreditava em bebês” e que ofertava poemas só para a menina “(e, portanto, só para ele)” (LEMOS, 2018, p. 20). Fora do círculo familiar, as amigas da primeira infância (Verinha e Lucinha) fazem aparições fascinantes como companheiras que “cismam rapidamente e não / esquecem” (LEMOS, 2018, p. 9), compartilhando um microcosmo protagonizado por bonecas que são, também, personagens marcantes, espécie de duplos das crianças.

Outro elemento fundamental para *Belo Horizonte boulevards* é a rede de conexões com outras obras poéticas. O livro é dedicado a Adília Lopes – outra poeta com o mesmo nome de batismo da autora, Maria José. Masé Lemos dialoga com inteligência e sem afetações com a escrita memorialística da autora portuguesa, estabelecendo semelhanças e diferenças entre as duas personagens/poetas com naturalidade e com a brevidade que o formato escolhido pede. Num momento delicado e emocionante, Masé Lemos cita um poema da escritora portuguesa em que acontece um incêndio na casa de bonecas, que as leva a um “hospital de maus sonhos” (LEMOS, 2018, p. 14). A voz poética contrapõe a essa imagem tão forte de Adília Lopes as suas bonecas belorizontinas, que têm que se contentar com “um hospital sem sonhos”. É que, na sua cidade/ infância, “[...] toda boneca precisava de / proteção. / Andavam sempre a querer mutilá-las” (LEMOS, 2018, p. 6). É com essas bonecas que a poeta/protagonista compartilha um breve momento idílico. No poema “Pampulha”, o famoso subúrbio criado por JK e Niemeyer nos anos 1940, é onde fica a casa de um tio que abriga na varanda uma “outra casa”, em que as meninas brincam: “alí as bonecas sonhavam que eram / bonecas” (LEMOS, 2018, p. 16).

Se não há “tremendismo” na memorialística de Masé Lemos, também não há traço de nostalgia atenuante – e nesse sentido o diálogo com Adília Lopes é bastante produtivo. Somos transportados pela leitura para um mundo onde o amor dói, as coisas em uso irritam e a casa neoclássica não guarda “nenhuma / simetria” (LEMOS, 2018, p. 21). É um mundo povoado por durezas mineiras que um leitor de Carlos Drummond de Andrade logo reconhece; durezas envolvidas por uma película de afeto que não esconde nem exagera as suas arestas.

Belo Horizonte boulevards se encerra com uma torção de perspectiva que enriquece o livro ainda mais, provocando no leitor uma vontade imediata de uma releitura renovada. A tal torção temporal e geográfica se dá com uma simples indicação do abismo entre o tempo (2018) e o lugar (Paris) da composição do livro e o tempo (infância) e o lugar (Belo Horizonte) retratados nele. Essa torção esclarece a escolha do título do livro, que une o nome da cidade da infância (que um dia foi conhecida como “Cidade Jardim”) e a grafia francesa da palavra *boulevard*, que indica não apenas avenidas largas e arborizadas que esquadrinham a capital francesa e a capital mineira, mas também um tipo de espetáculo teatral. Tendo esse segundo sentido em mente, penso

que *Belo Horizonte boulevards* constitui uma espécie de teatro íntimo da infância reconstituída à distância.

Fica reafirmado, assim, o precioso trabalho de garimpo memorialístico que a voz poética faz a partir da glosa de um verso da *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, nos seguintes termos:

Que culpa temos nós dessa planta
da infância

– Nenhuma

Mas por certo é melhor
Enxertá-la
Aos pedacinhos

Colar pétala por pétala
Unha por unha

As marias-sem-vergonha
esparramam pelas mãos. (

LIMA, 1958, p. 643 *apud* LEMOS, 2018, p. 17)

Permanece a ideia da infância como aquele tempo perigoso em que, como dizia Flausina (outra memorialista magistral inventada por Guimarães Rosa) “os outros obram a história da gente” (ROSA, 2009, p. 81). A sedução, o viço e a constância que a voz poética do poeta alagoano via como qualidades intrínsecas da sua “planta da infância” (LIMA, 1958, p. 643) são aqui contrastados com a maria-sem-vergonha (a delicada *Impatiens parviflora* que viceja vigorosamente, mas apenas em lugares sombreados e úmidos), cuja flor se desmancha nas mãos, exigindo um trabalho delicado de reconstituição de fragmentos.

Creio que esse curto e eloquente *Belo Horizonte boulevards* pode servir de excelente apresentação ao trabalho poético de Masé Lemos. Nele estamos longe tanto da nostalgia açucarada que falsifica um passado apaziguado quanto do estardalhaço vazio que, incentivado pela mídia e pelas redes sociais, tem colonizado grande parte da nossa imaginação. O leitor tem em suas mãos um exemplo vigoroso da força da inteligência crítica na poesia brasileira contemporânea.

Referências

- LEMOS, M. *Belo Horizonte boulevards*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.
- LEMOS, M. *No circuito das linhas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016.
- LEMOS, M. *Rebotalho*. Rio de Janeiro: Cozinha Experimental, 2015.
- LEMOS, M. *Redor*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- LIMA, J. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. v. 1.
- ROSA, J. G. *Tutaméia – terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Recebido em: 4 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 16 de abril de 2019.